

Piano Criativo: a transição da musicalização para a aula de instrumento

GTE 10 - Educação Musical na Infância

Comunicação

*Yuria Santamaria Pismel
Alecrim Dourado Formação Musical
Universidade Federal do Paraná – UFPR
y.santamaria.pismel@gmail.com*

Resumo: O presente artigo propõe um diálogo entre a musicalização e as aulas de instrumento, a fim de refletir e embasar pedagogicamente a apresentação de um novo projeto emergente: Piano Criativo. O projeto surgiu para preencher a lacuna existente entre a passagem das aulas de musicalização para as aulas de instrumento, na qual ocorre, na maioria das vezes, uma ruptura no processo de ensino-aprendizagem, passando de uma abordagem criativa e lúdica para uma proposta mais cartesiana. Ressalta-se a importância de trazer a criatividade e liberdade para o ensino do instrumento, promovendo para as crianças um primeiro contato com o piano de tal forma que possam explorar e vivenciar ativamente. Elucida-se para os resultados emergentes alcançados pelo projeto, bem como perspectivas futuras.

Palavras-chave: educação musical; ensino de instrumento; criatividade.

Introdução

Os debates sobre a educação musical e o aprendizado de um instrumento no Brasil têm sido cada vez mais recorrentes na área da música, bem como o surgimento de escolas e programas de musicalização infantil. Diferente de outros países, o Brasil não possui uma longa tradição em educação musical, e se olharmos para o ensino regular, a luta é constante para a música ser reconhecida como um campo separado da disciplina escolar de “Arte”, apesar da Lei federal 13.278/2016 que a torna disciplina obrigatória. Portanto, a educação musical infantil - especialmente a musicalização - continua sendo um campo de estudo e prática recente, mas emergente, enfrentando inúmeros desafios, como a falta de apoio dos órgãos dirigentes e burocracias para criar parcerias entre escolas e universidades (Ibidem, p.43).

Ilari (2010) menciona que um dos desafios que encontrou ao criar e gerir o programa de extensão de Musicalização Infantil da Universidade Federal do Paraná (UFPR) foi estabelecer “uma cultura de ensino de música dentro da universidade e do departamento, já

que muitos eram bastante céticos sobre o programa e seus objetivos” (ILARI, 2010, p.46)¹. No âmbito social e cultural, a comunidade possui pouco conhecimento sobre a musicalização, e as famílias raramente sabem da sua importância na formação musical de seus filhos. Geralmente, ao buscar uma escola de música, os pais que procuram aulas de instrumento para os filhos criam expectativas, projetando uma aula em que a criança desenvolverá rapidamente habilidades performáticas musicais no instrumento escolhido e na maioria das vezes não compreendem sobre a importância de os filhos vivenciarem o processo musical de forma criativa e munida de liberdade, elementos que são comumente explorados nas aulas de musicalização.

Essa cultura musical "tradicional", que muitas vezes pressupõe que as aulas de instrumento ocorram seguindo métodos pré-definidos e estruturados, é também reforçada pela formação dos professores de música no ensino superior. Jardim (2008), observou em suas pesquisas que essa base conservatorial estava presente também na formação do músico-educador, com caráter essencialmente técnico, estético, artístico e profissional, com forte apelo à performance, o que alimenta esse ciclo de busca pelo "tradicional".

No entanto, é importante que nas aulas de instrumento também existam espaços de exploração e criação, especialmente quando direcionadas às crianças. Este trabalho visa um diálogo entre a musicalização e as aulas de instrumento/piano, propondo criar uma reflexão sobre a atuação pedagógica que auxilie a apresentar um novo projeto emergente: Piano Criativo. Este projeto surgiu em busca de promover um primeiro contato com o piano para crianças entre 6 e 10 anos através de uma abordagem que enfatize a exploração instrumental e a criação em grupo, em uma escola especializada em música para crianças na cidade de Curitiba, Paraná. O objetivo do projeto é tentar preencher a lacuna existente entre a musicalização em grupo e as aulas individuais de instrumento. Betânia Parizzi e Patrícia Furst Santiago tratam da importância dessa temática, na qual apontam para a “necessidade de se desenvolver materiais didáticos para o ensino de piano em grupo” (PARIZZI; SANTIAGO, 2021, p.5) para crianças, através de uma abordagem lúdica, criativa e atual. No manual do professor de seu livro “PianoBrincando”, publicado em 1993, e revisado e ampliado na segunda edição em 2021, as autoras apontam que a publicação “ofereceu um novo paradigma do ensino do

¹ Tradução livre realizada a partir do seguinte trecho: “a culture of music teaching within the university and the department, as many were rather skeptical about the program and its goals” (ILARI, 2010, p.46).

piano para alunos iniciantes” (PARIZZI; SANTIAGO, 2021, p.4), da qual trataremos mais adiante.

Da musicalização às aulas de instrumento

A transição da musicalização para o estudo de um instrumento costuma representar uma mudança significativa para as crianças que, ambientadas nas aulas em grupo repletas de ludicidade e dinamicidade, passam para aulas individuais, nas quais o processo tende a ser na maioria das vezes linear e menos fluído. Traçando um paralelo com a escola regular, é nessa idade, entre 6 e 10 anos, que as crianças passam por mudanças significativas na estruturação do ensino, passando da pré-escola para o ensino fundamental - anos iniciais. Se na Educação Infantil as atividades são divididas por campos de experiência (BNCC, 2018), nos anos iniciais do Ensino Fundamental elas passam, em sua maioria, a ser disciplinas isoladas com professores distintos. As atividades passam a enfatizar avaliações e tarefas estruturadas, e uma cobrança maior; é esperado da criança a habilidade de manter mais foco e atenção; a configuração da sala e a maneira de ensinar trazem menos ludicidade e liberdade para a imaginação, fantasia e criatividade.

Sobre os momentos livres de criatividade, Fernanda Souza (2009), em sua dissertação, realizou uma observação interessante sobre o recreio, “um período de tempo em que as crianças não recebem ordens dos adultos sobre o que devem fazer e, pelo contrário, são livres para estabelecer suas próprias regras partindo de suas próprias vontades e experiências, é o fazer das crianças entre elas mesmas” (SOUZA, 2009, p.99). Trazendo para o contexto musical, a autora se debruçou sobre os jogos de mãos realizados no recreio, ou seja, momento em que as crianças fazem música de forma não direcionada, o que de certa forma, se relaciona com a proposta musical das aulas de musicalização infantil. Já nas aulas de instrumento, o fazer musical costuma ser direcionado pelo professor, ocorrendo uma ruptura na passagem de um nível de educação musical para o outro.

A criança, em seu aspecto emocional e psicológico, passa a viver um cotidiano escolar mais regrado e pré-definido. Tratando da educação musical no contexto escolar, Rachel Ramos (2019) aponta que a passagem do ensino infantil para o ensino fundamental raramente ocorre de modo a promover uma transição, e sim, uma ruptura com o formato lúdico em prol de um ambiente repleto de normas a seguir. A autora enfatiza que ao tratar dessa faixa etária,

é preciso pensar num ambiente lúdico, com brincadeiras que estimulem a imaginação e o faz de conta, que resgatem as vivências do segmento anterior para que a ação pedagógica vá de encontro com as necessidades dessas crianças de 5-6 anos, visando uma aprendizagem significativa e integral. (RAMOS, 2019, p. 12-13).

Podemos fazer um paralelo com a passagem das aulas de musicalização para as aulas individuais de instrumento, já que as crianças possuem essa mesma faixa etária de 5-6 anos. No caso do ensino de piano, foco deste trabalho, os alunos que iniciam o estudo do instrumento nessa idade normalmente possuem dois perfis: ex-alunos de musicalização, com uma bagagem musical mais ampla; e alunos que nunca fizeram musicalização ou aulas de música, e que não possuem tanto conhecimento musical. Em ambos os casos, as crianças, na maioria das vezes, não estão preparadas para aulas de instrumento que seguem modelos tradicionais e cartesianos de ensino.

As crianças que vêm da musicalização estão acostumadas a um modelo de aulas mais lúdico e livre, da mesma forma que, nas escolas regulares ocorre no ensino infantil. Além disso, elas vêm de uma experiência de aulas em grupo, nas quais a socialização é um pilar do trabalho educacional, e no âmbito musical, a exploração, reconhecimento e execução dos fundamentos e elementos da música ocorrem de forma lúdica e divertida, através de jogos, movimento e vivência intensa do fazer musical. Mesmo que possuam uma bagagem musical - reconhecem e executam alturas, andamentos, intensidades, timbres e ritmos sonoros diferentes, além de terem uma noção de leitura rítmica e melódica -, a dinâmica de aula à qual estão acostumadas é muito diferente das aulas individuais, e a passagem das aulas de musicalização em grupo para as aulas de instrumento individuais acaba sendo impactante.

Já no caso das crianças que chegam para as aulas individuais sem ter participado de aulas de musicalização, é muito importante que lhes sejam propostas atividades nas quais possam vivenciar a música em suas nuances, explorar de forma ativa e compartilhar suas descobertas e momentos musicais com outras crianças para depois dedicar-se a aulas de instrumento individuais. O processo de ensino de um instrumento ocorre de forma mais fluida e prazerosa para crianças dessa faixa etária quando elas já dominam elementos como execução e reconhecimento de ritmos, andamentos, alturas, timbres, intensidades, ou seja, quando já possuem vivência musical. Quando as crianças chegam para a aula de piano sem terem participado das aulas de musicalização, elas demonstram uma necessidade de explorar, criar, conhecer instrumentos, realizar descobertas sonoras. A relação das crianças com a

música está ligada ao movimento corporal, sendo uma forma de expressão que integra as múltiplas artes. Pode ser compreendida através do conceito de música elementar, desenvolvido por Carl Orff e trabalhado por Wuytack, ou seja, a música “estritamente ligada ao movimento, à dança e à palavra, uma música que a própria pessoa tem de executar, não podendo fazer parte dela como ouvinte, mas sim como executante” (ZAGONEL, 1984, p.28).

Ou seja, em ambos os perfis de crianças, elas estão em uma fase de vastas descobertas através de uma expressão artística múltipla, em que a imaginação e fantasia vêm à tona. Por que barrar esse processo? Não é muito mais interessante desenvolver um modelo de aulas em que possamos potencializar essa criatividade? Por que não tornar o estudo do piano divertido, criativo, ativo e comunicativo, como são as aulas de musicalização?

E se o ensino for muito cartesiano², o aluno também perde a possibilidade de vivenciar a música de forma ativa, corporal e lúdica, tão importante para o aprendizado musical. Portanto, em ambos os perfis de crianças que entram para as aulas de instrumento, percebemos a importância de realizar uma transição de forma leve e gradual. O ensino tradicional do piano, bem como de outros instrumentos, costuma ser cartesiano, muitas vezes seguindo métodos específicos que já possuem o programa de ensino sem abrir espaço de fala para o aluno. Tal modelo de ensino, presente em todos os âmbitos e níveis de educação musical - desde a iniciação ao instrumento até as universidades, possui suas origens, segundo Marcus Medeiros (2014), no formato de ensino dos conservatórios. O autor faz uma análise dos currículos de universidades brasileiras, identificando a permanência “natural” de certas disciplinas na grade, refletindo o que define como “*habitus conservatorial*”. A naturalização desse “sistema de valoração musical” (PEREIRA, 2014, p.97) acaba por criar “uma estrutura curricular de estudo da música que, por si só, privilegia a música erudita e afasta outras possibilidades de práticas musicais que estariam mais relacionadas com a vida cotidiana dos alunos” (PEREIRA, 2021, p.95). Tendo essa formação conservatorial, muitos professores formados na licenciatura tendem a levar essas práticas conservadoras para as aulas de piano.

Entendemos que não se trata de desconsiderar a importância da música erudita, por exemplo, mas de entender a música em sua dimensão plural e diversa culturalmente e

² Sobre o termo “cartesiano” no âmbito do ensino, difundida no pensamento ocidental, utilizamos a perspectiva de Zamboni (2012). O autor afirmou que é depositada na “razão o ponto de apoio para desenvolver sua teoria, que é calcada na necessidade de um método” (ZAMBONI, 2012, p. 11). Ou seja, “cartesiano” como uma perspectiva baseada no pensar lógico, racional, apoiado em um método.

socialmente. Além disso, nesse modelo o aprendizado inicial ocorre através da leitura e “torna-se mais visual do que auditivo, por mais paradoxal que isso possa parecer” (Ibid). Acreditamos que a leitura é importante, mas que se tratando de música, é imprescindível compreender o fenômeno sonoro para compreender sonoramente a grafia, e não o inverso. Apesar do autor tratar do modelo curricular universitário, entendemos que esse *habitus conservatorial* influencia diretamente o ensino básico da música, e tratando-se de ensino de instrumento, ainda mais.

Portanto, trazemos essas mesmas prerrogativas para a nossa análise, e pensando no papel do professor de música, e na formação do mesmo, também concordamos com o autor quando diz que “A licenciatura em música deve orientar-se por uma função social da música, de aproximação entre indivíduos e músicas, de compreensão de suas próprias práticas musicais como práticas sociais” (Ibid, p. 102). Ou seja, precisamos defender uma “Educação Musical que possibilite não a civilização do gosto, mas a escolha consciente da música que gostamos e queremos ouvir” (Ibid). Da mesma forma como o autor propõe essas novas abordagens no currículo universitário, acreditamos que nas aulas de musicalização e instrumento de nível básico essa perspectiva é fundamental.

Devido à essa necessidade surgiu o livro já mencionado “PianoBrincando”, propondo “atividades que integram valores estéticos da música contemporânea, incluindo elementos de sua escrita e processos de criação – jogos, improvisações e composições, que remetem a possibilidades da música atual” (PARIZZI; SANTIAGO, 2021, p.5). Ao apresentar um novo paradigma sobre o ensino de piano para crianças de 4 a 10 anos, o livro trouxe novas estratégias para as aulas coletivas de piano, pensando no passo a passo didático para o ensino-aprendizagem desse público alvo. Além disso, promoveu a ludicidade ao trabalhar fundamentos básicos da técnica pianística através de jogos e brincadeiras. As autoras também se preocuparam em possibilitar o acesso a uma linguagem contemporânea da música pouco abordada nos métodos tradicionais, trabalhando o piano preparado através da exploração de novas sonoridades como cordas beliscadas e percutidas. Outro aspecto interessante foi a presença de elementos da musicalização, tidos como base para o estudo do piano, bem como outros elementos presentes no decorrer do livro, e que permitem o envolvimento da criança de forma criativa e ativa. Tais elementos inseriram-se nas bases da atuação pedagógica no projeto Piano Criativo.

O projeto Piano Criativo

Em fevereiro de 2021 iniciou-se o projeto Piano Criativo, na Alecrim Dourado Formação Musical, escola especializada em educação musical infantil, localizada na cidade de Curitiba, Paraná. O intuito foi promover o primeiro contato com o piano permeado de liberdade para a exploração, trazendo fantasia e criatividade, potencializando a fase cognitiva e psicossocial em que se encontravam as crianças nessa idade. Além disso, foi nossa intenção proporcionar liberdade de escolha de repertórios e temas, trazendo a voz ativa das crianças e do ambiente musical no qual já estão inseridas, além de repertórios orientados pela professora a fim de ampliar a bagagem musical. Buscou-se trazer uma vivência musical ativa, explorando o piano das mais diversas formas, através de jogos, brincadeiras, sonorização, experimentação e repertórios diversos, mostrando as inúmeras possibilidades que o instrumento possui. Também utilizou-se outros instrumentos: de percussão - tambor, clavas, bateria -, para trabalhar questões rítmicas; e de placas - xilofone e metalofone -, a fim de executar melodias e realizar comparações com o piano.

Para compreender sobre a importância da criatividade no processo pedagógico-musical, é interessante trazer o conceito trazido por Tiago Madalozzo (2019) para criatividade, ou “CriAtividade”:

Modo ativo de envolvimento com música na infância que, além da convergência de diferentes formas de expressão corporal (atividade), inclui a interação da criança com o material sonoro musical em grande liberdade de exploração, investigação e descoberta. Neste modo de trabalho, a criança manipula, cria, é protagonista de experiências significativas de expressão sonora, não só em atividades de criação, mas também de audição e de execução musical. (MADALOZZO, 2019, p. 26)

Portanto, tendo como principal fundamento do nosso trabalho os métodos ativos de educação musical (MATEIRO; ILARI, 2011), acreditamos que o protagonismo da criança vai além de vivenciar a música ativamente, ela precisa ser ouvida nas aulas, ter espaço para criar melodias, histórias e sonorizações, experimentar, vivenciar o instrumento e as inúmeras possibilidades musicais. É preciso promover e abrir espaço para o envolvimento da criança, o que, segundo Madalozzo, trata-se de uma “estratégia pedagógica do adulto-professor” (Ibidem, p. 128) e principalmente de uma “atitude deste adulto no respeito à autonomia, à expressão e à produção musical da criança” (Ibidem, p. 128-129). Por isso a importância de trazer nas aulas a ludicidade através de jogos e histórias, muitas vezes criadas pelas crianças

com orientação da professora, responsável por desenvolver estratégias para que as atividades possam chegar ao piano: o objetivo principal é o piano, mas criativo. Não podemos deixar de lado a criatividade e a diversão, antes de tudo, as crianças precisam desenvolver motivação, prazer em tocar e amor pela música.

O conteúdo das aulas mescla as propriedades do som e da música - altura, andamento, intensidade, timbre, harmonia, melodia, ritmo, dinâmica, som e pausa - com aspectos introdutórias da técnica pianística como postura para tocar, soltura do punho, o formato da mão, topografia do piano, número dos dedos, ponto de contato com as teclas. Exploram-se escalas e repertórios em tonalidades maiores e menores, articulações de legato e staccato, sonorização, criação, improvisação e composição. Utilizam-se jogos, criação de histórias e desafios que estimulem e possibilitem alcançar os objetivos temáticos e musicais. Propõe-se uma transição da musicalização para as aulas de instrumento de forma leve, divertida, segura e prazerosa, respeitando o desenvolvimento da criança, trazendo a criatividade, espontaneidade e ludicidade das aulas de musicalização, e gradativamente focando mais no piano. As aulas são presenciais e acontecem em grupos reduzidos de até três crianças, por conta da pandemia do Coronavírus, mas também para poder dar a atenção necessária para cada criança no processo.

O projeto Piano Criativo, desde sua criação até a escrita do presente artigo, possui cinco meses de duração, o que corresponde a um semestre letivo, e no momento, início de mais um semestre. Neste período, já foi possível traçar um panorama dos seus desdobramentos na trajetória musical das crianças participantes: o envolvimento nas aulas, o interesse pelo piano e a ciência de que o instrumento possui diversas possibilidades de exploração e criação, e de que é possível tocar repertórios de estilos musicais e culturais diversos; e o mais importante, as crianças encontram espaço para serem protagonistas de sua música, sendo incentivada a exploração musical.

Conclusão

Acredita-se que o processo pedagógico e de aprendizagem são fluidos e estão em contínuo desenvolvimento e transformação, portanto, os objetivos daqui em diante concentram-se em dar continuidade ao projeto, aperfeiçoando o que for necessário e debruçando-se sobre novas questões que surgirem no decorrer. Pretende-se também aprofundar os estudos de musicalização através do piano e da pedagogia do piano, auxiliando

na criação de novas estratégias que conduzam a adquirir novas habilidades técnicas iniciais para tocar piano, seguindo, dentre outros livros e autores, as prerrogativas contidas em “PianoBrincando” (PARIZZI; SANTIAGO, 2021). Além disso, com a presença de novas crianças neste semestre, a configuração, os interesses e as abordagens precisam ser adaptadas e modificadas, de acordo com as particularidades de cada indivíduo. Portanto, a meta não é criar um método ou uma sequência linear que fundamente o trabalho, mas sim, ter claro que o processo pedagógico precisa ocorrer considerando o protagonismo da criança em seus interesses, atuação, necessidades e particularidades, no que tange ao aspecto musical e psicossocial. Ou seja, como educadores, pretende-se ter objetivos de onde chegar musicalmente, mas sem perder de vista o fundamental: ter constantemente olhos e ouvidos atentos para a comunicação da criança, que pode ser verbal ou não verbal, através de gestos, movimentos, expressões faciais e corporais. A meta é seguir aperfeiçoando essa abordagem, expandindo os horizontes pedagógicos.

Referências

ILARI, Beatriz. A community of practice in music teacher training: The case of Musicalização Infantil. *Research Studies in Music Education*, n. 32. 2021, p. 43-60.

JARDIM, V. L. G. Da arte à educação: A música nas escolas públicas 1838 – 1971. 2008. 322f. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2008.

MADALOZZO, Tiago. A prática criativa e autonomia musical infantil: sentidos musicais e sociais do envolvimento de crianças de cinco anos de idade em atividades de musicalização. Orientador: Prof. Dr. Guilherme Gabriel Ballande Romanelli. Coorientadora: Prof^a Dra^a Beatriz Senoi Ilari. Tese (Doutorado em Música) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2019. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/signa/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=38480&idprograma=40001016055P2&anobase=2019&idtc=43>>. Acesso em: 31 jul 2021.

MATEIRO, Teresa; ILARI, Beatriz (Orgs.). *Pedagogias em Educação Musical*. Curitiba: IBPEX, 2011.

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst; LANNA, Oiliam. *PianoBrincando*. 2.ed., rev. e ampl. Belo Horizonte, Fino Traço, Editora UFMG, 2021.

PARIZZI, Betânia; SANTIAGO, Patrícia Furst; LANNA, Oiliam. PianoBrincando: Manual do Professor. Belo Horizonte, Fino Traço, Editora UFMG, 2021.

PEREIRA, Marcus Vinícius Medeiros. Licenciatura em música e *habitus conservatorial*: analisando o currículo. Revista da ABEM, Londrina, v.22, n.32, p. 90-103, 2014. Disponível em:

<<http://www.abemeducaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/464/388>>. Acesso em: 28 jul 2021.

RAMOS, Rachel Laís Biazetto. A contação de história das aulas de musicalização: uma ferramenta para a aprendizagem significativa no 1º ano do ensino fundamental. Orientadora: Profa. Me. Vivian Dell’Agnolo Barbosa Madalozzo. TCC (Pós-Graduação em Educação Musical) - Escola de Música e Belas Artes do Paraná, Curitiba, 2019.

SOUZA, Fernanda de. Os jogos de mãos: um estudo sobre o processo de participação orientada na aprendizagem musical infantil. Orientadora: Profª Draª Rosane Cardoso de Araújo. Dissertação (Mestrado em Música) - Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/2011/Arte/Dissertacoes/ultimafernandadesouza.pdf>. Acesso em: 31 jul 2021.

ZAMBONI, Silvio. A pesquisa em Arte: um paralelo entre arte e ciência. Campinas, SP: Editora Autores Associados, Coleção Polêmicas do nosso tempo, 2012.

ZAGONEL, Bernadete. Métodos ativos de educação musical. In.: FONZAR, Jair (Org.). Educação, concepções e teorias. Curitiba: Ed. da UFPR, 1984 p. 15-43.